

... plano estratégico geral -
 P. traço de defesa das duas frentes - O que que
 o comando de armas deve ser mesmo -
 Processos ~~de~~ pontos centrais e para
 sul e Ariz. - Sul e Maric. -
 2) não podemos determinar a priori
 as armas - determinamos as armas favoráveis -
 inter alia a situação -

Sobre os rumos da discussão - É a existência
 de liberdade nossa de resolver esse probl. -
 com os meios de que os meios se
 não chegamos a algumas conclusões sem estar
 tendo plenamente desenvolvido - devemos ter
 uma atitude pol. - devemos chegar a alguns
 princípios básicos - Na a. de uma unidade
 e alguns pontos fed.

Proposta 1) O P. deve orientar os seus esforços
 no sentido de fazer que a l.a. introduza no
 no comando brasileiro, gradualmente, com
 caráter de massa, uma est. geral de
conflicto generalizado.

1) Estabelecer um sistema de áreas prioritárias
 de 3 tipos diferentes: 1) áreas de prioridade 1 -
 que compreende as que têm trabalho constante
 (uma 3 distritos e vivem à sua volta de 2
 2) áreas de prioridade 2 - áreas com
 tensão social profunda e tradição de luta -
 p. ex. 5006 - -

3) áreas de prioridade 3 - aglomerações
 urbanas de grande porte e estrat. situadas
 5-6 cidades mais importantes

2) O P. ^{deve} fazer com que o conjunto de seus
 membros se prepare e se prepare
 para a l.a.
 Tais os C. Ariz. deve org. e desenvolver
 Tarefas mil. específicas, a partir de j. -
 Tais devem ter um caráter militar e at.
 no âmbito do ter. C. militares.

Sobre a l.a. de Ariz. sobre a d.
 de uma frente g.

- 1) A preparação de uma frente g. deve
 ser feita como uma etapa que compreende
 duas fases distintas - et. - O dispositivo
 militar de uma defesa que deve ser
 mantido até o início da l.a. não
 deve ser confundido com a g. - se a l.a.
 org. de massa - Na 2ª fase objetiva-se
 com a l.a. pol. no regime
- 2) C. Pat. na preparação - recursos de
 com. transport. e informação
- 3) manter o mesmo nível e subj. p. a l.a.
 etc.

Como compreender essa última parte
 com a parte de cima (conflicto general.)

1) Avaliação da Ariz. de parte de vista
 pol. a maioria dos C. e consideram
 como um grande acant. pol. no
 norte do país e do P. a l.
 frente dessa luta coloca-se como
 a força mais consequente na luta
 et. a dit. - Embora referências em
 direita no Ariz., a sua organização
 e bastante positiva na luta que
 teve uma boa contra a reação
 dos militares.

Quanto a uma avaliação pol. do
 Ariz. e a. Valde discorde -
 O C. subter. Ariz. - É de opinião
 que o Ariz. não é exemplo - se for
 sucesso - O C. mesmo mesmo
 no doc. não resulta o significado
 pol. do Ariz., mas uma interrupção de
 outras r. considera o Ariz. como
 dentro do ponto vista pol. e militar - indica
 que afirma que P. deve ter mais rep.
 que o Ariz.

2) Avaliação do Ariz. quanto a organização
 que mostra a preparação a o desenvolvimento
 do l.a. -
 os pontos de um modo geral são
 os seguintes.

O C. Mat. 4. 1. Mo. R - M e E
 além a l.a. no Ariz. um esforço na
 organização de unidades de P. não "a g.
 com o l.a. no Brasil", embora tem
 sido comitês em

O C. Mano e Vild consideram que a
 preparação da l.a. produzirá uma crise
 logo a qual se continuará a orientar
 ficando no doc. sobre a p.

O C. Bl. 24, Dias e Sergio consideram
 que além dos erros e deficiências apontados
 no doc. 3, há, em alguns aspectos,
 êxito quanto a organização, que influencia no doc.
 do p.g.

O P. não tem sido feita clara se que
 fazer sobre o C. Maric. - se na p. 1
 ou na 3ª - não é a 2ª -

É preciso acentuar que em cada fase
 de opinião da maioria. São adotadas
 quanto a organização geral.

3) Quanto a preparação ^{a duas opiniões}
~~deve ser feita de uma maneira~~
~~que permita a preparação de~~
~~uma comissão, a qual no momento?~~
 Deve considerar primeiro o modo de massa, o

IDÉIAS PARA O ANO 77

1. POLÍTICA

- 1) Elaborar tática política, para unificar as forças políticas na região.
- 2) Reforçar o trabalho entre o pessoal formador de opinião pública (intelectuais, políticos, Igreja) dos mais diversos modos. Atuar no sentido de formar centros de polarização e organização desses setores (jornais, etc).
- 3) Reforçar a orientação específica para desenvolver o trabalho entre o cam^{pe}sinato, classe operária e as massas periféricas (sindical, comunidade, etc).
- 4) Reforçar o trabalho de organização do Partido.
 - a) estruturar comitê org. região (AMAZÔNIA ORIENTAL)
 - RIB - GIL (RIBEIRO - GIL)
 - adotar o método de comitê disperso
 - b) reformar sistema apoio direção (ver parte militar)
 - c) Centro-SW - MARANHÃO
 - estruturar Comitê Distrital Especial - LP para consolidar trabalho existente (elementos existentes)
 - estruturar comissão organização zona, para estruturar Comitê Distrital Secundário em PINDARÉ - IMPERATRIZ - NW
 - 1º) - 2 a 3 quadros a serem localizados em cidades médias ou cam^{pos}
 - 2º) - 5 a 8 militantes camponeses ou operário para zona rural.
 - d) Eixo SANTARÉM-CUIABÁ (St-C)
 - estruturar Comitê Distrital em SANTARÉM e reforçar
 - 1º) - 1 quadro para situar-se cidade ou campo
 - 2º) - 1 ou 2 militantes para trabalho na cidade
 - 3º) - 1 ou 2 militantes para trabalho rural
 - tomar como centro trabalho BAIXO AMAZONAS
 - 1º) - localizar um do comitê
 - 2º) - 1 a 2 militantes para apoio direção
 - e) BELÉM/BRAGANÇA
 - consolidar estrutura Comitê Distrital existente

3. PLANO

I - ESTRUTURA PARA A REGIÃO

- 1) Tomar como centro a área ARAGUAIA-TOCANTINS (Sul-Sudeste PA/-NE GO/Sudoeste MA)
- 2) Tomar como flancos as áreas na região:
 - centro SW-MA
 - NW-MA/NE PA
 - BAIXO TOCANTINS
 - MÉDIO XINGÚ
- 3) Tomar como áreas de 2º flanco:
 - Eixo St-C/Bx Amaz --- SANTARÉM-CUIABÁ/BAIXO AMAZONAS
 - BELÉM/BRAGANÇA
 - SÃO LUIZ/BAIXO/MARANHÃO.

4. TÁTICA GERAL

- 1) Concentrar no Centro-SW MARANHÃO (onde há uma certa base, massa e Partido) e tomá-lo como área de irradiação para o Centro ARA-TOC e mesmo para reforçar outras áreas.
- 2) Reforçar paulatinamente trabalho eixos: SANTARÉM-CUIABÁ; BELÉM-BRAGANÇA; SÃO LUIZ-BAIXO MARANHÃO; BAIXO TOCANTINS e NW-MARANHÃO, tomá-los como pontos de irradiação posterior para o centro ARAGUAIA-TOCANTINS e para o MÉDIO XINGÚ.
- 3) O problema dos corredores interligando as áreas e mesmo para fora dos flancos deve ser tratado oportunamente.

DATAS: 15 - 18 e 20/1 - Hora: 19 h

LOCAL: Rua 14 de Março - sentido da João Balby para Boaventura da Silva

IDENTIFICAÇÃO: Levar uma revista agricultura e pecuária à vista

SENHA: Contacto aborda e pergunta: Revista é de onde? Resposta: é do Rio

DIAS 7, 10, 20/1 - Hora 9 e 17

LOCAL: Ponto final ônibus Alemanha (pegar do lado da Rodoviária para o bairro - fica perto - dá para ir a pé).

SENHA: Levar uma revista "Agricultura e Pecuária"

- 1) Contato pergunta: Essa revista é daqui?
- 2) Você responde - Não, é o Piauí
- 3) Ele toma iniciativa de identificar.

e unido a planície elevada - para
para uma reserva de 4/6.

2. Maf

- (1) Estabelecer entre um reg. :lan? - G-1
- (2) Das contornadas de ac. estude dir. possl.
unlo e antenas plane mais geral.
- (3) Referenc. setas logísticas:
 - a) Melhorar meios técnicos PL (Be)
 - b) " " " " P.2 (St)
 - c) Estabelecer P. pontos em:
 - St-C: (sitio) + (ofic.)
 - Ba Toz (faz)
 - Centro - Sid Ma (vel)
- (4) Defina tarefas Ps nos setores Trans-
porte - Escondidos - Armazenamento -
Material Bélico
- 4) Organizar 1 grupo de reserva unil com
3/5 elementos para:
 - a) estudar e treinar os problemas de
técnica unil.
 - b) Realizar pesquisas pol. - unil
 - c) Serviço de reserva extant.
- 13 - esse grupo pode passar temporariamente
localizando (dispondo) na periferia de de.

DATA: 15-17 e 20/11 - HORA: 19 H
LOCAL: RUA 14 DE MARÇO - SENTIDO
DA JOÃO BALBY PARA BOAVEN-
TURA DA SILVA

IDENTIFICAÇÃO: LEVAR UMA REVISTA
"AGRICULTURA E PECUÁRIA A
VISTA"

SENHA: CONTATO ABORDA E PERGUNTA
TÁ: DE REVISTA É DE ONDE?
- RESPOSTA: É DO RIO

1. Tocar com centro a área Am - Toz

1. Tocar com centro a área Am - Toz
- sudoeste Pa / norte (e sudoeste Ma)
2. Tocar com flancos as áreas (na ca)
 - Centro - Sid Ma
 - NW Ma / NE Pa
 - Baixo Toz
 - Médio X (comum)
3. Tocar com áreas de 2º flanco:
 - Este St-C / Be Anaz (Baixo Amaro)
 - Be / Baiz
 - SE / Be Maiz

II. Táticas geral

1. Concentrar no Centro - Sid Ma (onde
uma outra base mais e P) e tocar-lh
na área de desobrigação para o centro
Am - Toz. e mesmo para referir os
áreas
 2. Referenc. paulatinamente tráfego e
St-C, Be/Baiz, SE/Be Maiz e Baiz Toz
tocar-las como pontos de convergência p
fazer para o centro Am - Toz e para
Médio X.
- 13 - O problema dos corredores atuais
de um áreas e mesmo para fazer
flancos deve ser tratado oportunamente

DATA: 7, 10, 20/11 - HORA: 9 e 17

LOCAL: PONTE FINAL ONIBUS ALGEM
NHA (PEGAR DO LADO DA RODO
VIÁRIA PARA O BAIRRO - FIM
PERTO - DA PAGA 12 A PE).

SENHA: LEVAR UMA REVISTA "AGRI-
CULTURA E PECUÁRIA";

- 1) CONTATO PERGUNTA: ESSA REVISTA É DAQUI?
- 2) VOCÊ RESPONDE: NÃO; É DO RIO
- 3) ELE TOMA INICIATIVA DE IDENTIFICAR.

- (1) e) Buscar também pol. para unificar as pol. políticas org.
 - (2) Reforçar o trab. entre o pessoal presonal de opinião pública (intellect./político/Lip-ja) de, mais diversos modos. Alguns no sentido de formar centros de política e organiz. de estes centros (fóruns, etc, etc)
 - (3) Reforçar a orientação específica para de-senvolvimento o trab. entre o campesinato, a classe operária e as outras profissões (burocrat., comunidades, etc)
 - (4) Reforçar o trab. org. p:
 - a. Estruturar Comitê org. região (Am. de I.)
 - Rib. - - - - -
 - abstrair o método de corte disperso - b. Reforçar sistema apria direção (V. parte int.)
 - c. Cortar SW Ma -
 - estruturar CD Esp - LP para consolidação trab. existente (elementos existentes)
 - estruturar C Org Zona para estruturação CDs em Pi - Imp - NW
- 1) 2/3 qds ~~...~~ p/ serem localizados em círculos maiores ou campos.
- 2) 5/8 unilts emp. ou operários para ...

- 1° - 1 qd p/ ...
 - 2° - 1/2 unilts p/ trab. un. ...
 - 3° - 1/2 unilts p/ trab. rural
 - formar como centros trab. B & Sina. 2
 - 1° - Realizar 1 de corte
 - 2° - 1/2 unilts p/ apria direção
- e. Be/Bery -
- consolidar extant CD existente
 - Reforçar trab. base u partex de p/ existente e/ou com reforços etc
- f. SE/B. Ma -
- reforçar trab. p/ ...
 - 1° - Tap. p/ base existente
 - 2° - 1/2 unilts p/ ...
 - reforçar trab. Bx Ma...
 - 1° - 1 qd un unil p/ ...
- g. Ba Toc -
- reforçar com qds e unilts
 - 1° - 1 unil/qd ...
 - 2° - 2/4 unilts emp.
 - 3° - 1/2 qds para trab. diá
 - 4° - 1/2 unilts p/ Tuc
- h. NW Ma -
- Reforçar com qds e unilts
 - 1° - 1/2 qds p/ ...
 - 2° - 1/2 unilts emp.

RIBEIRO

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

RITA

DOCUMENTO FEITO EM NOVEMBRO DE 1976

A cada dia novas camadas da população brasileira vão tomando conhecimento da resistência armada que teve lugar no sul do Pará, quando do ataque das Forças Armadas e moradores da região, em 12 de abril de 1972. Durante muito tempo a ditadura que governa o país procurou ocultá-la através da mais ferrenha censura. Ultimamente, amiudaram-se na imprensa referências sobre a guerrilha do sul paraense. Paralelamente, na indisfarsável conotação com ela aumentam em número e intensidade as lutas travadas por camponeses em áreas próximas dos rios Araguaia e Tocantins. Militares que as investigam e tentam liquidá-las, presumem que haja nas mesmas participação de "remanescentes" dos guerrilheiros. A resistência do Araguaia repercute também no terreno da arte. Uma frase de apoio à guerrilha, no quadro "Penhor da Igualdade" de L. Volpini, premiado no Quarto Salão Global de Inverno de Belo Horizonte, fez com que seu autor fosse enquadrado nos artigos 45 e 47 da Lei de Segurança Nacional. O júri que concedeu o prêmio, composto de vários críticos e artistas teve de ir à polícia prestar esclarecimentos. A obra, considerada subversiva, foi apreendida pelas autoridades policiais. Em declarações recentes à imprensa, o brigadeiro reformado João Paulo Moreira Burnier, ex-comandante da 3a Zona Aérea, indivíduo ultra-reacionário, assustado diante do crescimento da oposição à ditadura, refere-se à ação da guerrilha em Xambioá e Marabá com o objetivo de alertar as forças de direita. Por seu turno, o deputado Célio Borja, presidente da Câmara dos Deputados, respondendo a perguntas de repórteres, afirmou que mais de 99% da opinião pública desconheceu que o Brasil sofreu ameaças de intervenção internacional por motivo do conflito armado do Pará, querendo assim apresentar os guerrilheiros como ligados a um país estrangeiro e fundamenta uma política de compromissos entre as forças conservadoras para evitar a subversão.

O jornal "O Estado de São Paulo", do dia 2 de outubro passado, publica alguns trechos da conferência do General Milton Tavares de Souza, comandante da 10a Região Militar, pronunciada no encerramento de um ciclo de estudos promovido pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. Após a conferência feita pelo ditador GEISEL, no começo de 1975, esta é a primeira vez que um oficial em função de comando analisa publicamente o movimento armado do Sul do Pará. Segundo a opinião daquele General "a guerra de guerrilha malogrou na Amazônia basicamente por dois motivos: pelo isolamento dos guerrilheiros, que foram facilmente cercados em consequência da má localização da área escolhida para as operações e pela pouca cultura da população, que não chegou a entender Marx". Afirma mais adiante que "Marx foi forte demais para

diato o apoio oferecido pela população. Mas os fatos conhecidos provam o contrário. Na verdade, o Exército, em conjunto com a Aeronáutica, a Marinha e a Polícia Militar, realizou três grandes e aparatosas campanhas contra os guerrilheiros empregando mais de 25.000 homens, utilizando armamento moderno. A fim de repremir as massas foram criados mais cinco batalhões de Infantaria nas cidades amazônicas de Marabá, Imperatriz, Altamira, Itaituba e Humaitá. A região ficou isolada do resto do país. Os jornais, o rádio e a televisão nada podiam revelar sobre o conflito. A ditadura temia e continua a temer que outras áreas do território nacional fossem influenciadas pela guerrilha do Araguaia. Ainda hoje decorridos mais de quatro anos o Exército realiza incursões na mata, mantém a região e a população sob estreita vigilância. Permanecem aquartelados em cidades próximas da área de lutas guerrilheiras três batalhões de Infantaria de Combate na Selva, além da Polícia Militar Estadual e da Polícia Federal. Portanto, é falso dizer que os guerrilheiros "foram facilmente cercados". Também é sabido que mais de 90% dos moradores da área apoiavam o "povo da mata" das mais diferentes formas. Ao invés de serem recebidos de braços abertos, como afirma o General, as Forças Armadas defrontaram-se com a repulsa das massas laboriosas. Os soldados, logo de início, realizaram operações repressivas de grande envergadura com o objetivo de prender ou liquidar fisicamente as pessoas mais esclarecidas e decididas do lugar e de atemorizar as outras. C

que tomaram armas para resistir eram conhecidos por suas posições firmes sempre ao lado dos lavradores e muito estimados por todos. O Exército era estranho. Tanto assim que teve de utilizar os meios mais bárbaros para dobrar os moradores. Prendeu, espancou, torturou centenas deles. Queimou casas, roças e paiós. Assassinou alguns camponeses. Religiosos foram perseguidos e maltratados. Os militares usaram tática dupla: de um lado, repressão violenta; de outro, mentira e engodo. Davam remédios e extraíam dentes gratuitamente visando a isolar a guerrilha da população. Nada disso adiantou. Quanto mais tempo permaneciam na área, maiores atrocidades cometiam e, por conseguinte, crescia o ódio do povo contra as tropas. Quem realmente ajudou as Forças Armadas? Em quem se apoiou o Exército? Como não podia deixar de ser, valeu-se da escória, dos bate-paus, dos pistoleiros, dos grileiros. Esses, sim, o apoiaram. Alguns sordidos indivíduos serviam como guias quando as tropas entravam na mata recebendo diárias de três a quatro vezes mais altas que o salário pago na zona. Em resumo, a conduta exemplar dos guerrilheiros, seu moral, sua atitude de respeito aos costumes e crenças dos camponeses, seu programa de luta os distinguiam nitidamente dos militares, que defendem um sistema reacionário e arcaico e se apoiavam e continuam a se apoiar nos piores elementos locais.

Dizer que Marx foi forte demais para o caboclo é distorcer a verdade, mentir descaradamente, como é costume dos generais, que tentam apresentar a resistência como se esta tivesse objetivos socialistas. Antes do ataque da reação os lavradores já se batiam em defesa de suas posses, contra os grileiros e pela terra para os que nela trabalham. Após a investida das Forças Armadas, os moradores mais esclarecidos e resolutos, ao pegar em armas, ampliaram o campo da luta, pugnando também pelas liberdades democráticas, contra a ditadura militar fascista e a dominação imperialista, contra a entrega das riquezas minerais e de nossas terras ao capital estrangeiro. Justamente por que tinha um programa que expressava os interesses dos habitantes da região foi que a guerrilha contou com enorme simpatia da população local.

A luta no Araguaia levou a idéia da luta armada pelos direitos e pela liberdade do povo, não apenas ao sul do Pará, mas, igualmente, às áreas fronteiriças dos Estados de Mato Grosso, Goiás e Maranhão. Os moradores dessa parte do interior, oprimidos e explorados, verificaram na prática a maneira de como acabar com a sujeição. A resistência armada quebrou a apatia em que viviam, descortinou-lhes novos horizontes. Evidenciou a potencialidade revolucionária dos camponeses. Muitos deles, particularmente os que habitam em áreas da guerrilha e suas vizinhanças, homens e mulheres que conheceram os guerrilheiros, que viram sua coragem, sem desprendimento pela causa dos pobres, hoje começam a despertar, a se mobilizar, a se organizar para enfrentar a violência dos grileiros, dos grandes fazendeiros, das empresas agro-pecuárias, dos capangas, da polícia. Hoje já não temem os inimigos, respondem de maneira decidida em defesa de seus direitos. Neste ano, houve vários conflitos na região com mortos e feridos. Em São Pedro da Água Branca, pequeno povoado próximo ao rio Araguaia, os lavradores levantaram-se em oposição à grilagem de suas terras, prendendo alguns pistoleiros e soldados da Polícia Militar do Pará sediados em Marabá. Em Vila Rondon, na estrada que liga Marabá à Belém-Brasília, no começo de julho, dezenas de posseiros realizaram ação coletiva armada contra John Davis, ex-coronel da Força Aérea dos Estados Unidos que queria roubar suas terras e tinha o apoio da ditadura. Seus capangas haviam assassinado muitos camponeses, destruindo dezenas de casas e lavouras. Do choque, resultaram mortos John Davis e dois de seus filhos. Em Itaipavas, perto de São Geraldo, zona onde atuou a guerrilha, posseiros mataram dois soldados da Polícia Militar e feriram outros dois ao protegerem suas glebas contra as forças policiais que davam cobertura a uma ação de grilagem.

Como de praxe, o Exército e a Polícia Militar, em todos esses casos, correram em auxílio dos grileiros, prendendo, torturando e perseguindo os lavradores que se refugiaram na mata. Mais de uma centena deles foram presos na

o Exército mostra claramente que sua função primordial é proteger os exploradores e atacar as massas laboriosas quando estas se levantam reivindicando seus legítimos direitos. Por isso, engana-se o General Tavares de Souza. O Exército patrocina uma causa injusta. É o principal instrumento de dominação das classes opressoras. O maior inimigo dos trabalhadores. Não teve, nem terá o apoio das massas.

Aguçam-se as contradições políticas, econômicas e sociais no campo brasileiro. Os generais tomam medidas preventivas e repressivas no sentido de impedir que surjam novos Araguaias. Qualquer luta por terra no Sul do Pará, ou em suas proximidades, é encarada como podendo ter a participação de "remanescentes" das Forças Guerrilheiras do Araguaia. A área é imediatamente cercada repórteres e fotógrafos são impedidos de aí atuar. Esse temor se justifica. O exemplo do Araguaia, sem dúvida, alenta os camponeses na luta, indica-lhes que o caminho seguro para defender suas vidas e suas glebas é o de se organizarem e, de armas na mão, exigirem seus direitos. Se não agirem deste modo, além de perderem o pedaço de terra poderão ser presos ou assassinados.

O regime fascista vem intensificar a preparação para uma luta de vida e morte contra o povo. Aliam-se os elementos mais reacionários, os opressores, os exploradores. Centenas de oficiais das Forças Armadas brasileiras estudam no Estados Unidos as técnicas mais modernas de como enfrentar as massas populares. Além disso, para o Brasil estão vindo oficiais ianques com o objetivo de instruir as tropas da ditadura e, ao mesmo tempo, aprender com elas as últimas experiências, conforme declarou em Juiz de Fora o General Charles Echols Spragins, da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, durante a visita que fez ao Quartel General da 4ª Região Militar.

As forças revolucionárias e patrióticas também se aprestam para enfrentar seus piores inimigos estreitando mais a unidade e aprendendo a arte de fazer a guerra popular. O documento "Gloriosa Jornada de Luta", publicado em "A Classe Operária" do mês de setembro, tem enorme significação para os que querem o Brasil livre da ditadura militar. É necessário estudá-lo e debatê-lo em profundidade procurando dele extrair todos os ensinamentos que tiraram da resistência armada do Araguaia.

A guerrilha, por onde passou, lançou sementes que começam a germinar e breve darão frutos - o despertar das massas que se mobilizarão, se organizarão e lutarão pela derrocada total do regime dos militares que desde 1º de abril de 1964 oprime os trabalhadores brasileiros. Os generais fascistas já fizeram sua opção. Colocaram-se ao lado dos inimigos da nação, contra o povo. Os revolucionários e patriotas igualmente tomaram posição, junto com o povo, pela liberdade contra a ditadura e seus sustentáculos internos e externos.

- Que todo o Partido deve fazer luta armada.
- Que a estrutura nacional do Partido só foi colocado a serviço da luta armada
- Que não havia conjuntura nacional, que não é experiência foquista (o Araguaia)
- É a busca da linha revolucionária. Mas havia desvio. Que a guerrilha foi feita de fora para dentro. (Nós estávamos de fora. Põe em dúvida: 90% de apoio (incompreensão papel do Partido como vanguarda)
- Que a guerrilha já nasce com a massa. Não se pode comparar a Comuna com o Araguaia - o melhor era retirar - Rever a preparação - todo Partido voltado para a luta armada. Em toda parte preparar.
- PINDARÉ: era fazer movimento de massa para criar assunto nacional. E depois então a luta armada.

MARIO: Não se pode separar a avaliação da preparação. Que não tiramos conclusão do Araguaia. Porque? Mostra a nossa incapacidade. Separar a avaliação da preparação é tentativa de fugir a auto-crítica. Não é derrota temporária é derrota mesmo. PINDARÉ teve mais repercussão. Araguaia foi desastre político e militar. Erros não foram militar e sim político. Que se quis implantar a guerrilha à margem do processo político.

Quanto ao efetivo eram mandados e não solicitados. Que os erros não são só da CM.

Contra duas fazes ná preparação. A condição é a base prioritária. Que assim não dá. O inimigo descobre. Contra a proposta do Jorge.

WALDIR - Divergências vem desde 1968.

- Não foi guerrilha popular
- CC nunca discutiu em fazer luta armada.
- Concepção militarista - Conteúdo não foi de massa vem antes, vem na luta. Acha que a medida vai-se construindo base política, vai-se criando grupos armados. Que no QUATRO tem base política, que no Araguaia não construiu base política. Não é exemplo. Na QUATRO sim (São Miguel do Tapuia)

Somos voluntaristas em determinar áreas. Preparar em todas as áreas; daqui a 4 ou 5 anos... quem sabe?

Araguaia foi fracasso...

- Contra duas linhas na preparação. E que a proposta dele, corresponde a dos outros.

EVARISTO: Partido precisa divulgar materias militares. Precisa resguardar preparativos militar para não ser desbaratado. Vincular o movimento de massa com preparativos é progresso. Não deve ser feito. Fazer movimento de massa sem chegar a luta armada é oportunismo. Havia teoria: 1º movimento de massa depois a luta armada. Era errado. Araguaia representou crítica a isso. Derrot do Araguaia foi, não havia excesso movimento de massa. Chamou atenção inimigo. Programa 27 pontos tentativa consolidar massas.

No Araguaia substituiu fator político.

- Ferradura: No centro preparação e ^{dos lados} entrada movimento massa (não se reservo área).

- Trabalho na cidade não pode ser artificial.

SERGIO: Araguaia expressa uma alta constante do Partido

- Da maior possibilidade fazer guerrilha popular.
- Importância da floresta e das massas. Prevaleceu o esforço aplicar orientação na guerrilha popular. Mais ocorreram desvios que tiveram aspectos dessa orientação. Não saiu do movimento massa. Não conheceu nenhuma forma do documento de guerrilha popular.

Erro essencial: incompreensão.

EVARISTO:- Determinar área (para evitar espontaneismo) - mata tem mais condições.

No Araguaia não partiu das massas mais do Partido

SERGIO:- Contra as duas alternativas. Foge ao aprofundamento da discussão.

Se houve erro de princípio não se pode repetir a experiência.

Na CM:- Que não se pode se sobrepor ao CC, ao Partido.

AUGUSTO:- Não se pode determinar a priori as áreas. Só as mais favoráveis e estar atendo as condições do país. Não se pode discutir definitivamente.

Tem que se chegar a conclusões. Que se deve chegar um acordo em questão básicas.

- Redimensionar:- que se chegue a ponto de vista comum:

- Funções da CM (e quais as funções)

- Planos mais amplos

- Luta armada deve sempre ligar-se ao movimento de massas

- Planos militares.

Lado 4

Que o Partido nasceu por força do trabalho, não deu opinião enquadrada. Não há no estudo militar, ninguém estudou, que dessa maneira a CM não pode continuar. Qua a vida é so receber pessoas. Que quasi expulsaram.

AUGUSTO:- Que existem diferenças com CHÊ, mas também há semelhanças. Foi guerrilha para as massas e não das massas

Começar luta armada nas cidades é errado... que não sobreviveria (Araguaia de qualquer jeito).

Que não compreende bem apoio de 90% que é necessário o plano estratégico mais geral. Necessidade de conflito generalizado é preciso escolher áreas prioritária A favor das duas fases. Mas se o inimigo bater antes, retirada. Na la fase é só grupos de auto-defesa. Não é guerrilha ainda. Que é preciso dar satisfação ao povo sobre o Araguaia.

2a RODADA - WALDIR: O Partido ficou à margem da luta armada é preciso aprofundar os ensinamentos.

Não separar à preparação da avaliação. Não há dois processos. Não depende de nós como vai se desenvolver a luta armada. Não é certo. Uma área para guerrilha e outra para luta de massa. O desenvolvimento do movimento de massa é que vai determinar onde se vai fazer a luta armada (expontânea). Não se pode determinar a priori. Pode se determinar apenas áreas favoráveis. Mas que atualmente é infantilismo fazer trabalho político aberto. Para chegar a guerrilha tem que começar por grupos locais e não como.....

N 3

... (pontos) ...
... + ...

De A. um pouco de ...

Surg Contar as 2. alternâncias. Forças
aprofundam. de ...

Se houve em princípios ...

S/A CM que não pode se ...

Aut ...
... Se ...

...
- ...

... se deve chegar a um ...

- Ridículas ...
- Função de CM (e ...)
 - ...
 - ...
 - Plom ...

Lo (1)

que a família não se p...
de acordo com...
que não há...
que não há...
a base de...
- Que a... for feita de fora...
(De... de fora)

Por que... 90% de...
[...]

que a família...
- há se...
- a melhor...
Rece...
a... há... que...

há...
há... há... há...
há... há... há... há...

Mãe... há... há... há...
que... há... há... há...
há... há... há... há...

- há... há... há... há...
há... há... há... há...

há... há... há... há...
há... há... há... há...

há... há... há... há...
há... há... há... há...

há... há... há... há...
há... há... há... há...

há... há... há... há...
há... há... há... há...

ENSINAMENTOS SOBRE A GUERRILHA DO ARAGUAIA

parte
3

Na luta pela preparação e condução da guerra rural é necessário evitar dois tipos de erros. O primeiro é a cópia mecânica da maneira como se preparou e desencadeou a luta armada em outros países. Nessas experiências tem coisas que são universais, que são aplicáveis a todos os países e há coisas específicas, aplicáveis somente a esses países. Existem diferenças quanto ao país, desenvolvimento econômico e política de tal país, condições geográficas e topográficas, conteúdo da luta, fatores conjunturais, etc.

Exemplo da China, o Vietnã do Norte e do Sul, de Moçambique, etc.

Albânia, Argélia, Cuba, etc, Colômbia, Venezuela - Explicar.

O segundo erro é de não levar em consideração as experiências estrangeiras. Querer se convencer somente à base de nossa experiência. Isso pode nos levar a um empirismo estreito. Muitos erros podem ser evitados aprendendo com os outros. As experiências dos outros podem nos ajudar no desenvolvimento da luta. São lições pagas ao preço de sangue.

Por isso devemos ter uma atitude correta sobre a experiência internacional. Aproveitar aquilo que nos serve e desprezar aquilo que não é válido para nós. Quanto à nossa experiência, jogar fora tudo o que é inútil e aproveitar o que é válido. Esta é uma tarefa de grande importância. Se não a resolvermos, não teremos êxito no curso da guerra. Nosso método principal é o de aprender a combater no curso da guerra.

Serni diz que a alma do marxismo reside na análise concreta de uma situação concreta. Se não se compreende as particularidades da guerra revolucionária no Brasil, é impossível dirigi-la no caminho da vitória. As particularidades determinam a linha diretriz e os numerosos princípios estratégicos e táticos que prendem a condução da guerra. O documento Guerra Popular analisa as particularidades e traça a estratégia.

Sobre a guerra no Araguaia, quais os ensinamentos positivos e negativos

1) Tinhamos um mínimo de preparação - política, ideológica, conhecimento do terreno, material (depósitos), de massa

2) A mata era boa como abrigo e cobertura - Importância desse fato

3) A região tinha recursos naturais - e produzidos lá

4) A importância do problema massa - que tipo de massa

5) A importância de uma orientação política correta

6) A importância de uma orientação militar correta

O que a luta no Araguaia nos revela?

1) É preciso não subestimar o inimigo

- 4) É preciso preparar a luta em vários lugares
- 5) Evitar a concentração de forças nesta primeira fase - usá-la só em casos esporádico - Centralização relativa - Dispersar o pessoal
- 6) Ter de antemão preparadas áreas de refúgio, fora da zona de guerrilha.
- 7) Com relação aos suspeitos, ter a seguinte política: liquidar os que trabalham pelo inimigo - aos duvidosos: pedir para abandonar a área.
- 8) Utilizar melhor os elementos da massa que queiram ingressar na guerrilha
- 9) Criar uma rede de informação apoiada no Partido e na massa.
- 10) Ter uma rede de comunicação com o exterior para evitar o isolamento da guerrilha - Ter uma rede de comunicação interna.
- 11) Necessidade de ter bom armamento, explosivos, meios
- 12) Ter uma boa base logística
- 13) Necessidade de organização do Partido na periferia
- 14) Necessidade de trabalho no seio do inimigo (infiltração)

Quanto à fase de preparação

- Separar o pessoal mais - concentrar menos gente
- Usar mais gente tipo campones, operário

Nas condições atuais do Brasil, não há outro caminho para atomada do poder a não ser por meio da luta armada no campo. Ai podemos criar nosso exército, sobreviver e desenvolver nossas forças. A derrota temporária que sofremos no Araguaia, não invalida esse caminho. Cometeram-se erros na condução da luta. Além disso a luta ficou isolada na região o que facilitou os golpes da reação. Mas a luta continua e nos restam alguns companheiros que mantêm a chama acesa.

O Caminho da revolução não é retilíneo - é sinuoso - será uma luta dura e prolongada. Não porque nós queiramos - É porque o inimigo tem força militar e nós não temos - para criá-la demoram anos. Nossa estratégia é a de uma guerra prolongada. Isso não quer dizer que todas as guerras revolucionárias devam obrigatoriamente ser assim. Podem-se criar condições no mundo, e no Brasil em que a condição de forças penda para o lado da revolução, a guerra revolucionária pode terminar vitoriosamente em prazo curto - no Camboja foram 5 anos - no Vietnam mais de 30 anos - Mas para nós não se criaram essas condições no momento. Não temos condições de vencer rapidamente. Precisariamos começar do nada e não temos um grande potencial revolucionário e o descontentamento do povo cresce, e as forças revolucionárias no mundo dão golpes ao imperialismo americano, trazendo um estímulo à luta do nosso povo. As condições são favoráveis.

Trata-se de ver como ajudar o Araguaia? Como apressar a preparação e desencaideamento da luta armada em outras regiões? Em que sentido a preparação e a

- Concentrar nossos esforços no campo - onde concretamente
- Enviar bons companheiros para essa região.
- Cuidar atentamente do controle do Partido no campo. Organizar o Partido nas capitais, como um trampolim para se chegar ao campo. O Partido no campo deve cobrir a sua atividade e de jeito nenhum fazer agitação partidária. A tarefa do Partido é criar bases políticas no campo e deve ser organizada clandestina.
- Realizar trabalho especial, separado do trabalho do Partido na Região, trabalho cuidadoso - a longo prazo. Na montagem levar em conta os que são da infraestrutura e os do destacamento armado.

- O Partido em todas as regiões se preocupa em destacar pessoas para essa tarefa. De preferência operários, camponeses e profissionais em comunicação, médicos, farmacêuticos, dentistas, etc.

- Conseguir armas - comprando ou expropriando.
- Preparar algumas aulas - Selecionar alguns elementos para fazer um curso.
- Trabalhos nas forças inimigas
- O Araguaia é nossa bandeira principal - mantê-la de pé - Continua propagando-se sem contar vitória - Procurar rearticular o contato como tarefa mais importante - A base de informações concretas ver que ajuda podemos dar.

Não há receita única para começar a luta armada - existem certas condições necessárias para se conseguir a vitória - Incorporar as mesmas.

No começo algumas condições básicas e fundamental: a massa. Sem o apoio dela não se consegue vencer - A revolução é obra das massas.

- 1) Regiões favoráveis de difícil acesso
- 2) Massa politicamente organizada
- 3) Condições de subsistência
- 4) Existência de organização do Partido

Onde concentrar? Regiões boas do ponto de vista da massa e topográfico - Masa potencialmente favorável à revolução.

- Organizar as maiores lutas populares, colocar em movimento efetivos inumeráveis do exército revolucionário.

- Organização do Partido: fazê-lo crescer - criá-los nas regiões mais longe. Tais são as tarefas da atividade. Só uma tal força pode derrubar a ditadura.

1

Na lta pela preparação e condução da guerra revol. é necessário
entender dois tipos de ensos. O primeiro é a copia mecânica da
maneira como se prepararam e desenvolveram a lta em outros
países. Mas os experimentos tem cursos que são universais,
que são aplicáveis a todos os países e ha cursos específicos,
aplicáveis somente a esse país. Existem diferenças quanto
ao país, desenv. econ. e político de tal país, condições geográficas
e topográficas, conteúdo da lta, fatos conjunturas, etc.

Exp. da China, o Viet Nam do Norte e do Sul, da Macaubeque, etc.
Albania, Argélia, Cuba, etc, Chile, Venezuela, - Espanha.
O segundo ensa é de não levar em consideração as experiências
estrangeiras. ^{Evitar os erros} Devem se començar somente a base de nossa experiência.

Isso pode nos levar a um empirismo estulto. Muitos ensos podem
ser entendidos e aprendidos com os outros. Os experimentos de outros
podem nos ajudar no desenvolvimento da lta. São coisas pagas
ao preço de sangue.

Por isso devemos ter uma atitude crítica sobre as exp. internacionais.
Aparentar aquilo que nos serve - desprezar aquilo que não é válido
para nós. Quanto a nossa experiência ^{para nós} estudar tudo o que é
útil e aproveitar o que é válido. Esta é uma tarefa de
grande importância. Se não a resolvermos, não teremos sucesso
no curso da guerra. Nosso método principal é o de
aprender a combater no curso da guerra.

Será de q. que a ideia de manobra reside no ambiente
concreto de uma situação concreta. Se não se compreende as
particularidades da g. revol. no Brasil, é impossível dirigir a
no caminho da vitória. As particularidades determinam a
linha diretiva e os numerosos princípios, estratégias e táticas
que guiam a condução da guerra. O documento g. revol.
analisa as particularidades e traça a estratégia:

Sobre a g. no Araguaia - ~~dos experimentos~~ ^{dos pontos}
Bases os elementos positivos e negativos:

- 1) Terhamos um mínimo de preparação - pol. , ideal, enquadram.
do terreno, material (depósitos), de massa
- 2) A vitória era boa como abrigo e cobertura - importância desse fato
- 3) A região tinha recursos naturais - e produzidos lá

- 4) A importância do problema russo - que tipo de guerra?
- 5) A importância de uma orientação política em tempo de guerra.
- 6) A importância de uma orientação política em tempo de paz.

© que a luta no Congo é um problema?

- 1) É preciso não subestimar o inimigo...
- 2) É preciso sempre manter a vigilância.
- 3) É preciso estar em terreno mais - a área é a preparação -
- 4) É preciso preparar a luta em vários lugares -
- 5) Não entrar a construção de forças muito pequenas - reser-
va - casos esporádicos - inteligência relativa a dispersão e punição
- 6) Ter de antemão preparado o plano de refúgio, fora da
zona de guerra.
- 7) Com relação ao respeito ter a seguinte pol. - Evitar
o seu trabalho de inimigo - os devidos cuidados para
abandonar a área -
- 8) Utilizar melhor os elementos de massa que possam ajudar
na guerra.
- 9) Criar uma rede de informações agindo no P. e no mundo
- 10) Ter uma rede de comunicações com o exterior por estar
o isolamento da Z. - Ter uma rede de comunicações
interna.
- 11) Necessidade de ter bom armamento - explosivos, munições -
- 12) Ter uma boa ^{base} logística -
- 13) Necessidade de org. de P. na Periferia -
- 14) Necessidade de trabalho no meio do inimigo

- Quanto a fase preparatória -
- Separar o pessoal em unidades - construção de bases -
- Usar mais gente para a guerra, o mesmo -

2

Das condições de vida do povo e da situação econômica geral do país a tomada de decisões sobre as prioridades da luta armada no campo. Os quadros civis, nossos assessores, planejamos e desenvolvemos essas ações e a direção estratégica que se refere ao conjunto, não envolve o compromisso. Constatamos que essas condições da luta. Além disso a luta física envolve na região o que facilitou os golpes da reação. Mas a luta continua - resta alguns elementos que mantêm o clamor dessa.

O cenário da revol. não é otimista - é pessimista - mas a luta dura e prolongada. Não por que nos queramos - É porque o inimigo tem força militar e nós não temos - para nós. Já demoramos anos. Nossa estratégia se dá de uma guerra prolongada. Isso não quer dizer que todos os g. revol. todos os g. revol. devam obrigat. ser assim. Poderíamos encontrar condições no mundo e no Brasil - que até a conclusão de forças possa para a luta de revolução e a g. revol. pode terminar relativamente - prazo curto - no longo prazo 5 anos - 10 anos + de 30 anos - mas para nós não se criaram essas condições no momento. Não temos condições de vencer rapidamente. Precisamos começar do nada - não temos fronteira com países amigos - temos - e focos - inimigo forte, compensação temos um inimigo forte pol. isolado - temos um grande potencial revol. e a desmoralização de parte nossa, e as forças revol. no mundo dão golpes ao imp. americano, trazendo a situação a luta de uma parte. Os condições são favoráveis.

Trate-se de ver como ajudar o Uruguai? Como apoiar a preparação e desenvolvimento de l.a. e outras regiões? Em que sentido a preparação e a luta no Uruguai pode nos ajudar nessa tarefa. Qual deve ser a nossa estratégia?

- Lançar nossas ações no campo - onde convenientemente
- Criar bons comp. para essas regiões.
- Considerar atentamente de ct. do P. no campo. Organizar P. nos campos, como se um trampolim para se chegar ao campo. O P. no campo deve cultivar a sua atividade - de gente nenhuma força agitação partidária. A tarefa do P. e criar bons políticos no campo - deve ser org. claríssima
- Realizar trabalho especial, separado do trabalho do P. na região. Trabalho cuidadoso - a longo prazo há montagem de um e outro que vão da infraestrutura e

3

- C. P. - ... para uma tarefa de ... profissionais em ... , médicos, farmacêuticos, de ...
- Conhecer o curso - ...
- Preparar alguns aulas - Selecionar alguns e para ...
- Trabalho no ...

- @ ... a ... - ...

... a ...

- 1) ...
- 2) ...
- 3) ...
- 4) ...
- 5) ...

Qual ... ? ...

- Organização ...
- Org. P. - ...

ARA

- Da última reunião para cá saíram 2 documentos: a descrição da luta e o editorial Cl.
- Há de positivo o fato de que se deu a conhecer a todos a situação atual da fuga; e que foram desprezadas em virtude da correlação de forças extremamente desigual.
- Concordo, em princípio, em que nesses 2 documentos não se tenha aprofundado a análise das causas da correlação de força ter evoluído desfavoravelmente para nós. Ainda não há unidade completa no CC em torno disso, apesar da maioria já ter chegado a um consenso.
- Considero também que esses documentos não são senão os iniciais - é necessário uma análise mais profunda que permita a todo o Partido afirmar e assinalar a linha da guerra popular - nesse sentido há algumas observações particulares sobre os documentos iniciais.
- No relato sobre a luta os companheiros adiantaram conclusões incorretas, mesmo sabendo que a maioria do CC não concordava com elas. Refiro-me à afirmação de que no Araguaia fôra construída uma sólida base política de massas. No editorial essa tese foi corrigida, mas isso não exclui a crítica.
- O editorial saiu eclético, cheio de meias verdades - a isso nos levou a prática operacional do Araguaia influenciada por concepções políticas e militares incorretas - não são as causas + prof
- Ainda não abrimos os debates para o conj do P. - Somente temos estimulado os companheiros a estudar o editorial - não recebemos o relato para circular - mas vamos estimular o estudo comparativo dos 2 documentos - a maioria dos companheiros levanta perguntas e dúvidas sobre uma grande série de problemas: como foi descoberto o trabalho? - porque não existiam org de massa arm? - porque não haviam outras áreas? - acham também débeis as explicações para a derrota - quando todos os anuncios eram de vitória, crescimento, etc - é um dado importante e promissor que os membros do Partido estejam raciocinando e com espírito crítico - CC deveria estabelecer algumas normas básicas para ordenar os debates, mesmo a partir dos 2 documentos.
- Também não é possível continuar nesse compasso de espera em que a linha operacional do Araguaia continua presente no trabalho militar paralela a linha de guerra popular - o CC tem necessidade de discutir o plano estratégico, organizar a Comissão Militar em novas bases e adotar medidas acertadas na terreno de org e mil só possíveis com a clarificação das concepções políticas -

quais as propostas da CEx a respeito da continuidade do debate e da elaboração da auto-crítica e do plano futuro;

- perspectivas de crescimento em número e profundidade das lutas - base é aumento tensão social, crise agrária, política ditadura - Reação tem seus planos estratégicos e lutas tem atrapalhado - mudança sede Brigada - problema Guiana - problema tático campones - luta armada.

Asa

- Da última seu parq. cá suamos 2 dros. a descrição da luta e o editorial CP. -
- Há de positivo o fato de q se deu a co- nhecera a todos a sit. atual da Foga: i.e, q foram dispensados em virtude da cor- relação de forças extremamente desigual.
- Contudo, em princípio, em q nestes 2 dros não se tenha aprofundado a aná- lise das causas da correlação de forças, ter evoluído desfavoravelmente para nós. Ainda não há unidade completa no CC em torno disso, apesar de uníssono já ter chegado a um consenso.
- Considero fundam q esses dros não são sentos os iniciais - é necessário uma aná- lise mais profunda q permeie a todo o CP e suas atividades a luta de q porq - esse sentido há algumas reservas particulares q os "dros iniciais".
- No relato q a luta os corrup. atualizaram conclusão, incertas, mesmo sabendo q a maioria do CC não concordava com elas. Refiro-me a afirmação de q no Apr. fora constatada uma vitória sobre polt. de massas. No editorial essa tese foi cor- rigida, mas isso não exclui a crítica.
- O editorial saiu eclético, cheio de neces- sidades - a isso nos levou a prática ope- rativa do Asa influenciada por corrup.

polit. e univ. concretas. ^{nao ser} - ~~no futuro~~ -
- ~~participar~~ o institucion. - ~~participar~~
- ainda nao abrimos os debates, para
o conj. de P. - somente temos este
estudo e conj. a estudar e dit.
- nao aceitamos o relato p/ evidenciar
- mas vamos estabelecer e estudar com
partido dos 2 dias - a univ. dos
conj. Debates perguntar e atividades
sobre uma questao de conj. de procl.
como foi discutido o conj. - procl. mas
existiam conj. de univ. aqui? - procl. y
sao conj. concretas, no Brasil? - procl. y univ.
haviam outras areas? - acham que
debates as explicacoes para a debater
quando todos os assuntos eram de di-
-fusia, desinteresse, etc. - e um estudo
importante e permanente y os assuntos
de P estao atualizados e com espri-
-rito critico. - CC debateo estas
- com alguns assuntos basicos para
debates, estudos, univ. a partir
dos 2 dias.
- Também nao e possível continuar com
conjunto de conj. em y a unha opera-
-cional do conj. continua presente no
conj. parati. y limba de conj. - P CC
teme possibilidade de discutir o plano
estud. conj. a CMH em univ. bases e

adotar medidas concretas em termos de
org e univ de politivas com a classificac-
-o das concepcoes polit. - qual a posic-
-o da CC a respeito da constituc-
-o de debate e da elaboracao da
- auto-crit. e do pl futuro.
- perspectivas de desenvolvimento em univ
e profund. das lutas - base e univ
univ. tencio social, univ. organiz. po-
- lica. dit. - Reacao tem de ser pl. re-
- frant. e lutas tem de ser p/ lutas - univ.
- lutas de lutas - procl. Gracia
- procl. Fort Camp. - (abre

28 - Pessoal que estava para sair

- Silva + família
- Rodrigues + Cid (com família)
- Calixto + companheira
- Filho do Calixto
- Manoelzinho + família

SUGESTÕES (EMILIA - marido e outro)

- 1) Ideal era colocar lá (há certas condições) um quadro com condições de:
 - a) Preparar ideológica e politicamente os elementos.
 - b) Estar coordenado com a direção da região de destino
 - c) Resolver os problemas práticos do deslocamento (financeiros etc)
- 2) Se isso não for possível com um quadro de fora, o melhor então será escolher o SILVA para isso sob a direção direta da SARA dando-se a ela algum

PRIORIDADES:

- 1) Decidir a estruturação do Comitê de org Reg
 - Rib ? Paulo? Riba ? Paulo II? outro?
- 2) Necessidades imediatas:
 - 1º) Jap para Sl-Rica (Obs São Luiz - Santa Luzia ?)
 - 2º) Moça ou casal para St
 - 3º) Moça para Vg (Preferência conhecimento Enfermagcm)
 - 4º) Um rapaz para NW
 - 5º) Rapaz ou casal para Partido em St
- 3) Esclarecimentos:
 - 1º) Possibilidades e escalonamento de envio quadros e militantes
 - 2º) Possibilidades de liberação de recursos para projetos novos.

28 - Pessoal q estava p/ sair

- Silveira (+ família)
- Rodrigo + Cid (com famílias)
- Calixto (+ equipadeira)
- Filho Calixto
- Manuelzinho (+ família)

Sugestões EMILIA - marido + outros

1. Ideal era colocar lá (há certas condições) em quadro com condições de:
 - a) Preparar ideol. e politicamente os elementos
 - b) Estar coordenados com a direção da região de destino
 - c) Resolver os problemas práticos do deslocamento (finanças, etc)
2. Se isso não for possível com um quadro de fora, o melhor então será escolher o Silveira para isso sob a direção direta da SESA, dando-se a ela al-

PRECISAZDES

1. Decidir a estruturação do Comitê de Dir. Reg: Rio? - Paulo? - Risa? - Paulo II? - outro?
2. Necessidades imediatas:
 - 1-) Jap. para SI - Rick
 - 2-) Moça ou casal para St.
 - 3-) Moça para Vg. (preferência com conhecimentos em inglês)
 - 4-) Rapaz para R. H.
 - 5-) Rapaz ou casal para P em St
3. Esclarecimentos:
 - 1-) Possibilidades e escalonamento de envio de solis e multas?
 - 2-) Possibilidades e escalonamento de liberação de recursos para projetos novos?

Info

Norte de Be:- Dificuldades nas atividades dos militantes e na abordagem das massas, sobretudo as mais pobres.

Desligamento da prod. - e estrutura da comunidade local.
Canais da Igreja e problemas sentido - Mudanças para os bairros. Intelectuais 3 grupos - Métodos - lutas elementos antigos.

Sant:- Muitos delegados sindicais e comunidades de bases. Lutas de classes aparecem ultimamente com as empresas Agropel e os novos imigrantes - Massas baixas acreditam nas leis.

Tem 2 - 2... - luta armada

Med em Rurop - 230 da cidade

Bx Toc:- Trabalho - possibilidade e importância

Igarapé m - Med - Experiência Bodeco (Igarapé - Mixi / PA)

Mea:- 2 Bases pequenas e elementos disp. - Forte contingente.

Mauro e Teix - problema é a capacit pol - Baiana animada - confiante - forma de estrutura - zona - dist.

Pind:- 2 elementos (há 3 áreas) - boa cobertura, - Mais o problema é abordagem do trabalho antigo - Repressão golpeou fundo - Mandar camp ou prolet.

Norte:- Incipiente - massas aumentam

Ros - está refratário.

MATERIAL APREENDIDO NO APARELHO DA RUA PIO XI, 676 SP-16/12/76

- Exl - n.º - Alfabetização no at. ind. de. inf. e no at. de. sup. - 3 grupos - métodos
 lutas elementares, autônomas -
- hc - Organização da matéria, sequência e prática.
 Diferenciação da prática e situação de C. local.
 Canais de troca e probl. - construção - metodologia
 para aprendizagem -
- Sant - Materiais de leitura e escrita em português e francês.
 Livro de leitura e escrita em português - 1º ano - 1º ano
 e francês - e inclui exercícios - Materiais para
a leitura e escrita -
- T.º - 2 tab. - 1 a -
Que é o mapa - a 2 de que é o u -
- By. Esc - Técnicas - prática e teoria -
Teoria em meio - aprendizagem em prática
- MEH - 2 anos de estudo - Português e francês -
Materiais de leitura e escrita - Português e francês -
leitura e escrita - Português e francês -
- PIND - 2 anos de estudo - Português e francês. Materiais de leitura e escrita -
Português e francês - Português e francês - Português e francês -
- VSE - Materiais de leitura e escrita -
Materiais de leitura e escrita -
- Des. Com. de - Português e francês -

CÓPIA DE DOCUMENTO APREENDIDO NO APARELHO DO
PC DO B - S. PAULO - DEZ 76

MATERIAL APREENDIDO NO APARELHO DA RUA PIO XI, 676 SP-16/12/76
Diversos (2)

Pol: 1º Fracasso do modelo.

2º Isolamento militar

3º Impasse pol - Ex: resultado das eleições, 74

Mudança após 15/11/76 já é aceita, mesmo pelo MDB - Em que base institucionalizar o regime modificando quadro partidário.

4º Divergência dentro do Sistema. O centro e a luta pelo poder. Sucessão presidencial e dos Estados.

- Tentativas e manobras para romper o isolamento e ganhar as simpatias dos "civis", da intelect

"Tática de Geisel" Sou o mal menor"- quer o apoio de todas as correntes mas por baixo do pano -- para poder manter o sistema, na atual versão-

Tática de Médici - Ataque a Geisel, à incompetência.

Explicar: ficasse _____ - que Geisel está levando ao "Comunismo". Surgem as advertências dos _____ e dos "grupos paralelos".

MDB - Defensiva após 1974. ~~X~~ Intimidade sob ameaça - Baixam as bandeiras .

Aproximam-se dos valores.

Em "face da mordomia"

- Repressão continua - Estudantes - médicos.

- Manifestações das massas - reunião de SP.

Morte JK - Dado importante sobre o estado de espírito dos nossos - Indica possibilidade de explosões populares.

- Luta do Sistema X povo - do povo X Sistema - Dentro do Sistema - vai aguçar-se

- Eleições - Votos poderão exprimir sentimento anti-ditadura - tomar posição -

Conceituar.

- Não excluir possibilidade de golpe - Eleições de 1978 - ~~xxix~~ acirram a disputa -

DE TERRORISTAS QUE AGEM NA REGIÃO SE DO PARÁMOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DO POVO (MLP)FORÇAS GUERRILHEIRAS DO ARAGUAIA-COMUNICADO Nº 1-

Rev. B. B. P. / B. A. L. e. S.
Aos posseiros, trabalhadores do campo e a todas as pessoas progressistas do Sul do PARÁ, oeste do MARANHÃO e norte de GOIÁS.

Aos moradores dos municípios de MARABÁ, SÃO JOÃO DO ARAGUAIA, CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, ARACUATINS, XAMBIOÁ, IMPERATRIZ, TOCANTINÓPOLIS, FORTO FRANCO E ARAGUAÍNA.

Ao povo brasileiro.

No passado mês de abril, tropas do Exército, em operações conjuntas com a Aeronáutica, Marinha e Polícia Militar do Pará, atacaram de surpresa antigos moradores das margens do Rio Araguaia e de diversos locais situados entre entre SÃO DOMINGOS DAS LATAS e SÃO GERALDO, prendendo e espancando diversas pessoas, queimando casas, destruindo depósitos de arroz e outros cereais e danificando plantações. Este traiçoeiro ato de violência praticado contra honestos trabalhadores do campo é mais um dos inúmeros crimes que a ditadura militar vem cometendo em todo o país contra camponeses, operários, estudantes, democratas e patriotas. O governo dos generais procura difamar as vítimas de suas arbitrariedades, espalhando que se trata de ação realizada contra bandidos contrabandista marginais e assaltantes de bancos. Mas a população da região não acredita em tais mentiras. Conhece, há muitos anos, os perseguidos, todos pessoas corretas, dedicadas ao trabalho e amigas da pobreza, sempre prestativas e solidárias com o povo, em particular, com os espoliados pelos grileiros e alvo das injustiças da polícia.

Os soldados as agrediram porque elas não querem viver como escravas sob o chicote dos militares que, acabando por completo com as liberdades, oprimem impiedosamente os brasileiros e enxovalham a nação.

Diante do criminoso ataque das forças armadas governamentais, muitos habitantes das zonas de SÃO DOMINGOS DAS LATAS, BREJO GRANDE, ARAGUA TINS, PALESTINA, ITAERIM, SANTA IZABEL, SANTA CRUZ e SÃO GERALDO resolveram não se entregar, armar-se com o que puderam e enfrentar corajosamente o arbítrio e a prepotência do Exército e da Polícia. Com tal objetivo, internaram-se nas matas do PARÁ, GOIÁS e MARANHÃO para resistir com êxito ao inimigo muito mais numeroso e melhor armado. A fim de desba

ratar as operações militares da ditadura, defender suas vidas e desenvolver sua luta pela posse da terra, a liberdade e uma existência melhor para toda a população, decidiram formar destacamentos armados, criaram as FORÇAS GUERRILHEIRAS DO ARAGUAIA. Tomaram, também, a iniciativa de fundar a plata frente popular para mobilizar e organizar os que almejam o progresso e o bem-estar, os que não se conformam com a fome e a miséria, com o abandono e a opressão.

Deste modo surgiu o MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DO POVO (MLP), onde podem ingressar os moradores da região e de outros estados, muitos dos quais vêm tendo suas terras roubadas por gananciosos grileiros e são perseguidos, presos e espancados pelos agentes da ditadura. Nele há lugar não só para os pobres como também para todo patriota, seja qual for sua condição social, que deseja pôr abaixo a ditadura e instaurar no Brasil um regime verdadeiramente democrático.

Este movimento lançou manifesto em defesa do povo pobre e pelo progresso do interior, refletindo as mais profundas aspirações populares por uma vida digna, livre e feliz.

No documento estão incluídas as reivindicações mais sentidas da população local, que constituem o programa do MLP, a bandeira de luta da pobreza e de todos os elementos progressistas favoráveis ao desenvolvimento efetivo das regiões atrasadas.

Por sua vez, as forças guerrilheiras do Araguaia mostraram-se firmemente dispostas a combater os soldados da ditadura. Na zona próxima a SANTA CRUZ, alguns combatentes dessas forças defrontaram-se com inimigos superiores em número, matando um, ferindo outro e dispersando os demais. As tropas do Exército, depois de cometer numerosas arbitrariedades contra moradores da região, sem revelar até agora disposição de lutar nas matas, retiraram-se, temporariamente, das zonas onde atuam os destacamentos do povo e concentram-se em cidades, povoados e corrutelas. Nada valeram os grandes e aparatosos efetivos militares, os helicópteros e aviões, o armamento moderno das forças armadas do governo. Em várias áreas, os lutadores do povo, de armas nas mãos, usando a tática de guerrilha, realizam a propaganda das idéias e do programa do MLP entre os moradores, que os apoiam com entusiasmo e repelom as calúnias difundidas pela ditadura contra os revolucionários.

A luta armada que se desenvolve no sul do PARÁ e em outras regiões vem contando com a simpatia de amplos setores da população, não só do campo como também de importantes cidades situadas em torno da região rebelada. Isto porque a luta ora iniciada é de todos os oprimidos, de todos os que não aceitam o cativeiro e anseiam derrubar o regime tirânico imposto pelos militares. Não por acaso, os generais escondem os motivos

Dr. Bda. A. B. Bandeira
(Continuação do Documento apreendido "Comunicado nº 01" (Fls 03)

ARAGUAIA seja seguido por todo povo brasileiro.

O Movimento de Libertação do Povo (MLP) e as forças guerrilhoiras do ARAGUAIA apelam para os moradores da região a fim de que engrossem a resistência à odiosa ditadura militar, aos grandes magnatas, aos grileiros e aos gringos norte-americanos que, no norte e nordeste do País, já se apoderaram de inensas extensões de terra e das ricas minas de ferro da Serra Norte perto de MARABÁ. A todos conclamam a se estruturar nos comitês do MLP ou em outras formas de organização. Não há outro caminho para o povo senão o de combater valentemente os opressores. Cada lavrador, cada posscoiro, cada trabalhador de fazenda ou castanhal, cada injustiçado, cada patriota, deve ajudar, de todos os modos, os que enfrentam sem temor as tropas do governo de traição nacional.

O povo unido e armado derrotará seus inimigos.

Abaixo a grilagem!

Viva a liberdade!

Morra a ditadura militar!

Por um Brasil livre e independente!

- Em algum lugar da Amazônia, 25 de maio de 1972

O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DO POVO (MLP)

O COMANDO DAS FORÇAS GUERRILHEIRAS DO ARAGUAIA

João de Deus B. de S.

- DOCUMENTO ATREVIDO DE TERRORISTAS QUE AGEM NA REGIÃO SE DO PARÁ -

-EM DEFESA DO POVO POBRE E PELO PROGRESSO DO INTERIOR-

Nada mais difícil, mais duro, mais sofrido que a vida dos milhões de brasileiros pobres do interior do País. Carecem de tudo e não têm nenhum direito, encontram-se em completo abandono. Particularmente no norte e nordeste, as condições de existência são as piores possíveis. Vivem no atraso e na ignorância. O interior está parado, não conta com o auxílio de ninguém.

A terra está nas mãos de uma pequena minoria. Para usá-la, o lavrador tem que se sujeitar ao pagamento da meia ou da torça. As terras devolutas, onde o homem do interior pode trabalhar, vão ficando cada vez mais longe dos povoados, da beira dos rios e das estradas. Os ricos tomam conta dos melhores terrenos. E os grileiros expulsam constantemente com a ajuda da polícia e dos jagunços, antigos e novos moradores. Para as matas do Pará, em número sempre maior, chegam lavradores de outros estados, enxotados pela miséria e pelos donos da terra. Já estiveram em diferentes lugares, rolaram pelo Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco, Bahia e Goiás. Tampouco no Pará encontram sossego.

O lavrador, ajudado pela mulher e pelos filhos, trabalha sem descanso e o resultado de seu esforço não dá para atender às suas necessidades. Muitas vezes é obrigado a vender o que era preciso guardar para a alimentação de dia de amanhã. Mais tarde, vai comprar o mesmo produto pelo dobro ou pelo triplo do preço que vendeu. No trabalho da roça, não conta com o veneno contra a formiga, a máquina de serrar, a lona para bater o arroz. Por isso, boa parte da plantação é destruída pela praga, o plantio é feito com o facão, e a spanha do arroz realiza-se com a participação de outras pessoas, que recebem em troca um terço ou a metade do que colheram. Quando o lavrador consegue boa safra, tem dificuldades para transportá-la porque não possui animais. Então os compradores disto se aproveitam para pagar uma insignificância pelo que foi obtido com tanto sacrifício.

A produção do lavrador não alcança o preço que merece. O arroz, o milho, o feijão e a farinha aumentam muito pouco de valor. Mas os preços dos produtos que vêm das grandes cidades, como o café, o açúcar, o querosene, as ferramentas, a roupa, o sabão e os remédios elevam-se de mês para mês.

Hoje, é preciso muito arroz para comprar um quilo de café. E mais de uma quarta de farinha para adquirir um único facão. Forçado pela necessidade, o lavrador vende os seus produtos na folha, com grandes prejuízos.

Os moradores do interior têm vontade de aprender a trabalhar...

(Cont do Doc "Em defesa do Povo Pobre e pelo progresso do interior" - pgs 2

Goiás e Mato Grosso só obtêm emprego nas grandes fazendas, nos castanheais, nos seringais ou nas companhias madeireiras, onde são terrivelmente explorados. Frequentemente, nas fazendas, companhias madeireiras e seringais, não recebem os seus salários ou os recebem com grande atraso. É comum o pagamento em bagulhos demasiadamente caros, chegando a ultrapassar o dobro dos preços correntes. Há casos em que as companhias ou seus empregadores, para não pagar o que devem aos trabalhadores, mandam matá-los. Nas zonas da castanha, a situação não é melhor. Os castanheiros, apesar do duro trabalho de vários meses, raramente retiram saldo compensador. São roubados de todas as maneiras. Recebem por hectolitro de castanha quantia muito inferior à cotação de Marabá, para não se falar na de Belém. O hectolitro, ao invés de ter a medida certa de 6 latas de querozene sem "caculo", é de 6 a 7 latas deformadas e com "caculo". O barracão do castanhal cobra preços absurdos pelos mantimentos que fornece ao castanheiro.

A difícil situação dos moradores do interior é seriamente agravada pelas doenças. Sempre os acompanham as febres. As vezes é uma família inteira que se vê atingida. A chamada Campanha de Erradicação da Malária (CEM) só existe no papel, não traz nenhum benefício para o povo. Antigamente, ainda distribuía remédio. Atualmente, nem isto faz. As crianças são atacadas pelos vermes e o custo dos lombriguciros é alto. Outras doenças, como o lecho (leishmaniose), as corubas, perobas ou feridas, a desintéria amebiana, a dor de pontada (pneumonia), a sífilis e as moléstias venéreas afetam a saúde de quase toda a população. Muitas são as mulheres que morrem de parto ou ficam inutilizadas depois do parto por falta de assistência e recursos médicos. Crianças nascem mortas em grande número ou morrem logo após o nascimento. No interior, e sobretudo na roça, não há médicos, nem mesmo enfermeiros. Morre-se à míngua por falta de tratamento ou alimentação adequada em casos de moléstias facilmente curáveis.

Poucas são as pessoas que sabem ler e escrever. Os lavradores desejam que seus filhos estudem e costumam dizer que não querem que suas crianças fiquem analfabetas como eles. Mas não há escolas nem professores. Os meninos crescem sem ver um livro. Só as grandes cidades possuem grupos escolares e os trabalhadores do campo não têm meios para ali manter seus filhos.

E como se todo este martírio não bastasse, o homem do interior sofre ainda as arbitrariedades e violências da polícia. Qualquer soldado ou bato-pau pode prendê-lo, sem razão, espancá-lo barbaramente. amon-

Gen. Bda. A. B. B. B.

(Cont. do Doc "Em defesa do Povo Pobre e pelo progresso do interior -Fl 3)

As diligências são caras e pagas pelos envolvidos nas questões, tenham ou não culpa, hajam ou não pedido a interferência das autoridades. Uma simples festa senente é realizada com a licença da polícia, que exige quantia elevada para dar autorização. Muitos pais de família são afrontados pelos comissários e delegados. O povo não desfruta de qualquer liberdade, vive atemorizado pelos soldados, pistoleiros e jagunços. Não têm direito de se reunir livremente, criticar as injustiças e escolher as autoridades.

Coletoria e polícia andam juntas. Os impostos são arrecadados usando-se ameaças e efetuando-se prisões. Cobra-se imposto sobre tudo e os produtos são pesadamente taxados. Uma pequena quitanda paga imposto mensal acima de suas possibilidades. Os coletores se arvoram em juiz e decidem ilegalmente sobre questões de terra, dando ganho de causa a quem bem entendem. Empregam a polícia para expulsar moradores e garantem direitos a quem não os tem. Para eles o que vale é o dinheiro e não a razão.

Enfrentando tantas dificuldades, os lavradores não sabem o que é bem estar. Conhecem, como costumam dizer, tudo o que existe de ruim na vida, só não conhecem o que existe de bom.

Nas pequenas cidades e cerrutelas, a situação também é difícil. O governo não lhes dá nenhuma atenção. A única coisa que faz é cobrar impostos. Ainda que os municípios possuam algumas escolas, seu número é insuficiente. Não há postos de saúde pública, faltam médicos e os remédios custam preços tão altos que o povo não pode comprá-los. Os melhoramentos que existem nestes lugares foram feitos pelos seus moradores. Eles querem a construção de estradas, escolas, postos médicos, água encanada, calçamento das ruas, praças ajardinadas e luz elétrica.

Mas as prefeituras do interior têm pouco dinheiro. O grosso dos impostos arrecadados fica com os governos estaduais e federal. Mesmo a quota que cabe aos municípios é recolhida pelo estado e só é liberada quando convém aos interesses dos de cima. Se o prefeito é do mesmo bando do governador ainda arranja alguma coisa. Nesta situação, as prefeituras pouco podem fazer. Não contam com recursos nem têm a seu cargo todos os ramos da administração. Até a polícia é nomeada pelo estado e entra muitas vezes em choque com os prefeitos. Uma simples estação de rádio-emissora de pequeno alcance, para ser instalada e funcionar normalmente, depende de autorização do governo federal, que faz exigências sem cabimento.

Nas cidades do interior há poucos empregos e a maioria da popula-

San. Bela. A. Bandeira

(Cont do Doc "Em defesa do Povo pobre e pelo progresso do interior - Fl 4)

som futuro. Não têm onde praticar esportes ou se divertir, não têm condições de adquirir instrução ou melhorar seus conhecimentos. Falta-lhes tudo que constitui a alegria de viver própria da juventude. Seu destino é incerto, particularmente o das moças, muitas das quais acabam na prostituição. Os jovens, assim que podem, abandonam as pequenas cidades em busca de serviço.

Esta a triste situação do interior. Os governantes nunca se interessaram pela sorte do povo e pelo progresso das regiões atrasadas. Deixam o campo no completo esquecimento. Depois que os militares se apoderaram do governo, em 1964, a situação dos moradores do interior tornou-se pior. Aumentou a miséria, cresceu a perseguição contra os pobres. Nos últimos tempos os generais vêm falando em ajudar as zonas rurais, mas o que eles ajudam mesmo são os grandes fazendeiros de café, os usineiros de açúcar, os poderosos do campo. Inensas áreas de terra são entregues de mão beijada aos gringos norte-americanos, quando é sabido que a grande maioria dos lavradores não possui terra para trabalhar. As ricas jazidas de minério da Serra Norte, não muito distante de Marabá, foram criminosa e cedidas a um grupo de capitalistas dos Estados Unidos.

Os militares fazem alarde com a construção da Transamazônica, mas esta estrada não resolverá os problemas da região. Serve de chamariz aos grileiros, que já estão em plena atividade, apossando-se de léguas e léguas e pondo para fora antigos e novos moradores. O lavrador para conseguir uma área ao longo da Transamazônica, tem que se submeter ao controle policial e ao sistema de colônias imposto pelo governo, que lhe tira toda a liberdade e não lhe traz benefícios.

Este sistema já foi empregado em Dourados (Mato Grosso) e em Correes (Goiás) e de nada adiantou. Os camponeses continuaram a viver na pobreza.

O governo e os exploradores costumam dizer que a culpa pela situação aflitiva em que vive o interior é dos lavradores e do povo que, segundo eles, não gostam de trabalhar. Será verdade que o homem do interior não trabalha, não se esforça para ter uma vida melhor? Ele trabalha até demais. Só ele sabe o quanto é duro cuidar de uma roça. Para conseguir o arroz, o milho, o feijão, a farinha, tem de brocar, dorribar, queimar, encoivarar, plantar, limpar, combater as pragas, colher. E tudo isso no braço, usando unicamente o machado e o facão. Não é qualquer um que enfrenta trabalho tão pesado.

Além disso, planta fruteiras. cria galinhas e porcos. abre caminho

(Cont. do Doc "Em defesa do Povo Pobre e pelo progresso do interior- El 5)

continuada, corre risco de ser atingido por um ouriço, que pode matá-lo ou alcijá-lo, enfrenta o penoso trabalho do corte e transporte da castanha. Na extração da madeira, derruba, a golpes de machado, grossos e altos troncos de mogno, arrasta-os na selva e lança-os nos rios e igara-pós. Com seu trabalho contribui para o bem geral, mas quase nada recebe em troca. Faz a fortuna de muitos, mas vive no atrazo e na pobreza.

A causa da situação em que se encontra o interior é outra. É o domínio do Brasil por capitalistas norte-americanos e por um punhado de maus brasileiros. Eles são os donos das grandes fazendas, fábricas e usinas, dos bancos e meios de transporte. Só se preocupam em ganhar mais dinheiro, explorar o povo e roubar as riquezas do País. O governo está nas mãos deles e faz o que eles querem. Tôm o Exército também em suas mãos. O povo não tem vez, vive no cativoiro, enquanto eles dominarem o Brasil, continuará o atrazo e o interior em completo abandono.

O interior só pode sair da situação atual, quando houver um revolução popular que ponha para fora do Brasil os imperialistas norte-americanos, derrube o governo dos inimigos da Pátria, acabe com a ditadura dos militares, uma revolução que estabeleça um governo do povo. Então mudará inteiramente a vida do País. Os camponeses terão direito à terra, os operários obterão trabalho e melhores condições de vida. Os jovens poderão adquirir instrução, todos os brasileiros gozarão de plena liberdade. O Brasil avançará soberano pelo caminho do progresso, livre da dominação estrangeira. O interior conhecerá novos dias de prosperidade e bem estar geral.

Mas a vitória da revolução não se consegue sem luta. Os poderosos não dão nada à pobreza. É preciso enfrentá-los e combatê-los sem descanso. Se os escravos não tivessem lutado, ainda hoje haveria escravidão. O povo do interior tem que se levantar para exigir seus direitos e juntar-se aos trabalhadores da cidade, aos estudantes, a todos os revoltados que já estão lutando. Unidos serão uma força invencível. Unidos conseguirão libertar o Brasil. Unidos conquistarão o seu próprio governo, um governo popular revolucionário.

A união do povo do interior tem que ser feita partindo de suas reivindicações mais sentidas e imediatas.

Que deseja o homem do interior? Quais os problemas que mais sente?

Ele quer:

1. Terra para trabalhar e título de propriedade de sua posse.
2. Combate à grilagem com a punição severa de todos os que grilam

terras..

(Cont. do Doc "Em defesa do Povo Pobre e pelo progresso do interior - Fl 6)

que não se distanciem muito dos que vigoram nos grandes mercados de consumo. Criação de entrepostos do estado que adquiram pelos preços fixados todos os produtos que lhe sejam oferecidos e ao mesmo tempo, vendam, com pequena margem de lucro e também a prazo, ferramentas, adubos, venenos, sementes, máquinas de fabricar farinha, lonas para colheita de arroz, moíños, etc.

4. Facilidades para o escoamento da produção através de diferentes meios de transporte e financiamento ao lavrador para a compra de animais.

5. Proteção à mão de obra dos que trabalham nos castanhais, na extração de madeira de madeira ou nas grandes fazendas. O castanheiro deve receber por hectolitro de castanha cortada um preço que corresponda no mínimo, a um terço da cotação de Marabá, fixado pelo governo. O hectolitro oficial deve ser de 6 latas de querozene sem "caculo" e sem deformação das latas. O preço das mercadorias aviadas nos barracões não pode exceder em muito ao preço vigente nas cidades e corrutelas próximas. O pagamento ao castanheiro deve ser feito no local de serviço. Os trabalhadores da extração de madeira ou das grandes fazendas devem receber seus salários em dinheiro no fim de cada mês, não sendo permitido o pagamento de salários em espécie ou bagulhos.

6. Direitos aos garimpeiros de trabalhar livremente e regulamentação de sua atividade, impedindo-se que sejam espoliados na venda dos bens obtidos no garimpo.

7. Liberdade de caça e pesca para a sua alimentação, permitindo-se a venda das peles dos animais abatidos para o consumo. Proibição da matança generalizada da caça com o único objetivo de comercializar peles.

8. Liberdade para cortar, quebrar e vender o babaçu.

9. Redução dos impostos tanto para a lavoura como para o pequeno comércio. Liquidação do sistema de multas das coletorias e de cobrança de impostos com o auxílio da polícia.

10. Direito a todo o lavrador ou trabalhador da mata de possuir sua arma de caça ou de defesa pessoal.

11. Assistência médica feita através de postos instalados em zonas e distritos e também de postos volantes montados em barcos e caminhões. Serviço médico gratuito para as doenças endêmicas da região e pago, a preço módico, para as doenças evitáveis, como a sífilis. Combate sistemático e eficaz à malária e verminoso.

12. Criação de escolas nos povoados, nas margens dos grandes rios,

(Cont do Doc "Em defesa do Povo Pobre e pelo progresso do interior - Fl 7)

al escolar. Construção de internatos para a alfabetização das crianças que moram longe das escolas, cujos cursos devem ter a duração de 8 a 10 meses.

13. Cessação das arbitrariedades da polícia contra o povo. A polícia não pode cobrar diligências, autorização para festas, carceragem, nem prender ninguém sem motivo plenamente justificado. Não pode bater nos presos, nem tomar armas, animais, instrumentos de trabalho ou objetos de uso do homem do interior. Os policiais serão obrigados a manter atitude de respeito ao lavrador e sua família bem como em relação a mulheres.

14. Casamento civil e registro de nascimento gratuito.

15. Proteção à mulher. Direito à mulher no caso de separação do marido ou do companheiro, a parte do que lhe cabe na produção ou nos bens do casal, de acordo com o seu trabalho direto ou indireto, na obtenção desta produção ou destes bens. Ajuda à maternidade. Cursos práticos para formar novas parceiras e melhorar os conhecimentos técnicos das que trabalham na região, a fim de garantir melhor assistência às mulheres que doram a luz.

16. Trabalho, instrução e educação física para a juventude. Estimulo ao desenvolvimento do esporte, com a construção de campos de futebol, quadras de basquete, pistas de atletismo e outras iniciativas. Ajuda à fundação de clubes, centros recreativos e culturais e à construção de suas sedes.

17. Respeito a todos os cultos religiosos, não sendo permitida a perseguição de qualquer pessoa por motivo de prática religiosa, inclusive a pajelança, o toroco, o espiritismo, desde que esta prática não cause dano ao indivíduo.

18. Ampla liberdade para reunir-se, discutir seus problemas, criticar as autoridades, exigir seus direitos, organizar suas associações e sindicatos, eleger seus representantes sem pressão de qualquer natureza.

19. Comitês populares eleitos diretamente pelo povo para administrar distritos e povoados, orientar as iniciativas que dizem respeito à coletividade e resolver as desavenças surgidas entre moradores. Os comitês estabelecem de comun acordo com o povo, as normas de proteção às roças contra a invasão do gado, porcos e outros animais, assim como indicar a forma de criá-los sem prejudicar os interesses coletivos,

20. Eleição livre do prefeito e de um conselho administrativo nos municípios, bem como de comitês populares nos bairros da cidade.

21. Emprego de boa parte dos impostos recolhidos nos municípios no

(Cont do Doc "Em defesa do Povo Pobre e pelo progresso do interior -Fl 8)

João Batista de R. ...
estadual devem dar ajuda aos municípios na construção de estradas, pavimentação de ruas, instalação de luz e água, manutenção de escolas e execução de serviços médicos.

22. Planos de urbanização e desenvolvimentos em todas as cidades. Facilidades para a construção de casas de moradia. Estímulo a criação de bibliotecas e rádio-emissoras locais, não sendo necessária permissão das autoridades para o seu funcionamento.

23. Distribuição anual entre moradores, para serem usados por um ano como roças, das terras devolutas situadas em torno das corrutelas e pequenas cidades.

24. Aproveitamento racional das grandes áreas não cultivadas em torno das cidades e vilarejos para a criação de granjas e plantações rorodosas, a fim de garantir trabalho e meios de vida à população.

25. Defesa da terra dos índios, respeito a seus hábitos e costumes e ajuda do governo aos indígenas.

26. Obrigatoriedade de reflorestamento e pleno aproveitamento das árvores derrubadas na extração de madeira feita em grande escala. Beneficiamento da madeira feita na região para incentivar o seu progresso. Pertence ao possôiro a madeira existente em suas terras.

27. Respeito à propriedade particular, que não prejudique a coletividade. Apoio às iniciativas privadas de caráter progressista, às pequenas e médias indústrias e ao artesanato.

O Movimento de Libertação do Povo surgido para unir as amplas massas e dirigir a revolução popular, acredita que estes 27 pontos resolvem as reivindicações mais sentidas e imediatas do homem desta região. Não incluem tudo o que ele almeja e a que tem direito. Representam, no entanto, o mínimo por ele exigido nas condições atuais. Por isso o M.L.P. considera que este é um programa em defesa da pobreza e pelo progresso do interior.

Em torno dele se unirá o povo sofrer - os lavradores, os castanheiros, os tropeiros, os garimpeiros, os peões, os barqueiros, os que trabalham na madeira e na quebra do babaçu, os pequenos e médios comerciantes, enfim, todos os que querem o progresso da região e a felicidade de seus moradores.

O Movimento de Libertação do Povo convoca a todos, homens e mulheres, jovens e velhos, para lutar com energia e entusiasmo por este programa de reivindicações mínimas. Chama os habitantes do interior a ingressar em suas fileiras e a levar adiante a revolução popular.

É hora de decisão de combater pela reforma agrária e pela libertação do povo.

ANEXO "H"

(Cont. do Doc "Em defesa do Povo Pobre e pelo progresso do interior- Fl c)

Sen. Bda. H. B. B.

vô o interior e para pôr fim à vida de padecimentos sem conta dos milhões de brasileiros esquecidos, humilhados e explorados.

A revolução abrirá o caminho para a completa emancipação nacional e para a liquidação das injustiças sociais.

Até agora o povo tem sido tratado como escravo e chegou a vez de se levantar para varrer com os inimigos da liberdade, da independência e do progresso do Brasil.

Em um ponto qualquer da Amazônia

O MOVIMENTO DE LIBERAÇÃO DO POVO (MLP)

- DE TERRORISTAS QUE AGEM NA REGIÃO SE DO PARÁ -

"CARTA A UM AMIGO"

Prezado amigo

Como já deve ser de seu conhecimento, encontro-me nas matas do ARAGUAIA, de armas nas mãos, enfrentando soldados do governo que pretendem me apanhar vivo ou morto. Em nome de nossa antiga amizade, tomo a liberdade de lhe escrever a fim de explicar os motivos porque me acho nesta situação e as razões da luta em que estou empenhado.

Há mais de seis anos morava nesta região, dedicando-me, honesta e pacificamente, ao duro trabalho de garimpe ou do "marisco". Você é testemunha do meu comportamento, tanto em ARAGUATINS e MARABÁ, como em ITAPERIM e PALESTINA. Nunca prejudiquei ninguém nem ofendi qualquer pessoa. Sempre fui bem-quisto e alvo de muitas atenções. Na medida de minhas possibilidades, jamais deixei de ajudar a pobreza. Convivi estreitamente com os lavradores, garimpeiros, mariscadores, castanheiros, peões, barqueiros, pequenos e médios comerciantes e outros setores da população que vivem do seu trabalho. Com o decorrer do tempo, acabei conhecendo os inúmeros problemas que afligem os moradores das zonas situadas no ARAGUAIA e no TOCANTINS, não me conformando com o abandono, a miséria e a opressão em que se debatem seus habitantes.

Aqui fiz muitos amigos, entre os quais incluo você. Decidi morar em definitivo nesta região porque gosto do seu povo, sentindo-me bem entre ele. Fixei-me em terras junto ao RIO GAMELEIRA, próximo a SANTA CRUZ, onde desenvolvia trabalho de roça.

Aí fui procurado por amigos, que conhecera em grandes cidades, pedindo-me para trabalhar comigo. Eram perseguidos pelo governo por não estarem de acordo com a ditadura dos militares que impera no País e infelicita nosso povo. Lutavam para restaurar a liberdade no BRASIL, implantar a democracia em nossa terra e assegurar o bem-estar para os trabalhadores. Não pude fugir ao dever de ficar solidário com eles, dando-lhes abrigo e deixar que aqui reconstituíssem sua vida. Juntos nós dedicamos ao pesado serviço da lavoura.

Passados quase dois anos, quando eu e meus amigos tínhamos derrubado matas, aberto caminhos, plantado roças e amansando o lugar, apareceu certo grileiro sem-vergonha, um tal de capitão OLINTO, dizendo-se dono dos terrenos, querendo expulsar-me do local como antes já fizera com outros moradores. Não aceitei a arbitrariedade e disse a seus capangas que resistiria pela força. O grileiro deve ter se queixado à polícia, que se coloca sempre ao lado dos poderosos contra os pobres. Isto deve ter despertado a atenção da infame ditadura militar. Esta decidiu me atacar, do mesmo modo que agrediu outros moradores da região, residentes em outras

Osvaldo

(Continuação do documento apreendido "Carta a um amigo" (Fls 02)

Resolvi, então, não me entregar e resistir com todas as minhas forças. Articulei-me com outros perseguidos e participei organizadamente da luta contra os grileiros e também, contra a ditadura militar que os protege e oprime o trabalhador. Internei-me na mata, que conheço bem, para combater os inimigos do povo. Quero que o PARÁ, assim como o BRASIL, seja uma terra livre, onde todos possam trabalhar sem grileiros, sem perseguições policiais, e contando com a ajuda de um novo governo, verdadeiramente progressista e popular.

Contribuí também para organizar o MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DO POVO (MLP), entidade que dirige a resistência armada ao governo dos generais na região do ARAGUAIA e do TOCANTINS. Este movimento publicou um manifesto em defesa do povo pobre e pelo progresso do interior, no qual se expõe o programa de reivindicações dos que, juntamente comigo, lutam contra a exploração e a opressão. Envio-lhe cópia deste manifesto e espero que você o divulgará entre seus amigos. Peço-lhe igualmente, que transmita a todo o revoltado, a todo incógnito com a situação de pobreza, e de falta de liberdade que atravessa o País, a todo perseguido pelos poderosos e pela polícia, que será bem recebido pelos combatentes das matas do ARAGUAIA. Aqui, entre os revolucionários, ele poderá se refugiar e lutar.

Estou convencido de que você compreenderá a minha posição. Sou um patriota, um filho do povo. Aspiro ardentemente livrar a nação do cativeiro, do domínio dos gringos norte-americanos e da ditadura que está contra todos os bons brasileiros, inclusive contra sacerdotes, como servem de exemplo as torturas aplicadas pelos militares em Padre Roberto e Irmã Maria das Graças na localidade de PALESTINA.

Um grande abraço do amigo de sempre

OSWALDO

De algum lugar das matas do ARAGUAIA, 15 de julho de 1972.